REVISTA AMEFRICANA | ISSN: 3086-5042 ONLINE | SEÇÃO: ESTUDOS AMEFRICANOS (ARTIGO ORIGINAL)
MANTENEDORA: INSTITUTO AMEFRICANO DE SOCIOLOGIA CRÍTICA (IASC) | BARRA MANSA – RJ – BRASIL | DOI: https://doi.org/10.65855/amef.2026.v2.ahsd03

VINCULAÇÃO CRÍTICA DE ALTO IMPACTO: Este artigo original atende aos critérios de relevância social, impacto epistêmico e rigor formal fixados pela Resolução Aditiva nº 01/2026. **ARTIGO ORIGINAL**

OS TONS DAS REPRESENTAÇÕES SOBRE ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO NA FORMAÇÃO INICIAL DOCENTE

PERCEPTIONS OF GIFTEDNESS IN INITIAL TEACHER EDUCATION

LOS MATICES DE LAS PERCEPCIONES SOBRE LAS ALTAS CAPACIDADES EN LA FORMACIÓN INICIAL DEL PROFESORADO

Bárbara Amaral Martins

E-mail: barbara.martins@ufms.br | ORCID: 0000-0003-4278-1661 | Lattes: http://lattes.cnpq.br/2509415362736762

Práxis Intelectual: Doutora em Educação Especial e Professora Adjunta da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Campus do Pantanal (CPAN). Atua como líder do Laboratório de Estudos e Pesquisa em Pedagogia e Educação Social (LaPPES). Sua trajetória acadêmica e profissional caracteriza-se pelo forte engajamento na formação docente, articulando práticas inclusivas e propostas estruturantes no campo das Altas Habilidades/Superdotação, muitas vezes materializando seu compromisso cidadão em projetos de extensão de alto impacto territorial.

Amanda Rodrigues de Souza

E-mail: arodrigs@ull.edu.es | ORCID: 0000-0003-3788-4084 | Lattes: http://lattes.cnpq.br/8358553161048690

Práxis Intelectual: Doutora em Psicologia pela Universidad de La Laguna (ULL/Espanha) e em Educação Especial pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Atualmente, é docente na Universidad Internacional de La Rioja (UNIR). Destaca-se por suas pesquisas recentes que entrecruzam a divulgação científica no ciberespaço, as vulnerabilidades sociais e o mapeamento de indivíduos superdotados. Seu trabalho reflete uma sensibilidade analítica aguçada sobre o impacto de ferramentas digitais e redes sociais como instrumentos de apoio educacional contemporâneo.

Histórico Editorial & Governança: Submissão: 30 de junho de 2026 | Aceite: 19 de agosto de 2026 | Publicação: 22 de agosto de 2026 | Creative Commons CC BY 4.0 | Publicação Contínua | Salvaguardas: Resolução CNS nº 510/2016

COMO CITAR ESTE ARTIGO (HOW TO CITE):
• **Padronização ABNT (Brasil):** MARTINS, Bárbara Amaral; SOUZA, Amanda Rodrigues de. Os tons das representações sobre altas habilidades/superdotação na formação inicial docente. Revista Amefricana, Barra Mansa, v. 2, 2026. DOI: https://doi.org/10.65855/amef.2026.v2.ahsd03.
• **Padronização APA Style (Internacional):** Martins, B. A., & Souza, A. R. de. (2026). Os tons das representações sobre altas habilidades/superdotação na formação inicial docente. Revista Amefricana, 2. https://doi.org/10.65855/amef.2026.v2.ahsd03

RESUMO

Este ensaio teórico-empírico discute as características étnico-raciais expressas em representações gráficas sobre pessoas com altas habilidades/superdotação (AH/SD), elaboradas por graduandos/as de cursos de licenciatura no interior do estado de Mato Grosso do Sul, Brasil. A reflexão parte da produção de desenhos por estudantes de Pedagogia antes da abordagem formal do tema AH/SD em disciplinas relacionadas à Educação Especial, com o objetivo de identificar conhecimentos prévios, mitos e estereótipos presentes no imaginário docente em formação. Os desenhos foram analisados por meio de abordagem qualitativa e interpretativa, articulada à análise de conteúdo, considerando marcadores fenotípicos, gênero e elementos simbólicos associados à superdotação. As análises evidenciaram predominância de personagens masculinos, fenótipos embranquecidos ou racialmente ambíguos, baixa representação de pessoas negras e ausência de personagens indígenas, apesar da diversidade étnico-racial do contexto investigado. Também se observou forte associação entre AH/SD e desempenho acadêmico-cognitivo, especialmente nas áreas lógico-matemática e linguística, embora algumas representações tenham incluído criatividade, arte e música. Conclui-se que o imaginário docente sobre AH/SD pode ser atravessado por marcadores raciais, culturais e de gênero, contribuindo para processos de invisibilização educacional de estudantes pardos, pretos e indígenas.

Palavras-chave: Superdotação. Formação docente. Representações étnico-raciais. Racismo estrutural. Educação Especial.

ABSTRACT

This theoretical-empirical essay discusses the ethno-racial characteristics expressed in graphic representations of people with high abilities/giftedness (HA/G), produced by undergraduate students in teacher training programs in the interior of the state of Mato Grosso do Sul, Brazil. The reflection stems from drawings made by Pedagogy students prior to the formal introduction of the HA/G theme in Special Education coursework, aiming to identify prior knowledge, myths, and stereotypes present in the imagination of preservice teachers. The drawings were analyzed using a qualitative and interpretive approach combined with content analysis, considering phenotypic markers, gender, and symbolic elements associated with giftedness. The analyses revealed a predominance of male characters, whitened or racially ambiguous phenotypes, low representation of Black individuals, and an absence of Indigenous characters, despite the ethno-racial diversity of the investigated context. A strong association between HA/G and academic-cognitive performance was also observed, particularly in logical-mathematical and linguistic fields, although some representations included creativity, art, and music. It is concluded that the teacher imaginary regarding HA/G may be shaped by racial, cultural, and gender markers, contributing to educational invisibilization processes affecting brown, Black, and Indigenous students.

Keywords: Giftedness. Teacher education. Ethno-racial representations. Structural racism. Special Education.

RESUMEN
Este ensayo teórico-empírico discute las características étnico-raciales expresadas en representaciones gráficas sobre personas con altas capacidades/superdotación (AC/SD), elaboradas por estudiantes de carreras de profesorado en el interior del estado de Mato Grosso do Sul, Brasil. La reflexión parte de la producción de dibujos por parte de estudiantes de Pedagogía antes del abordaje formal del tema AC/SD en asignaturas relacionadas con la Educación Especial, con el objetivo de identificar conocimientos previos, mitos y estereotipos presentes en el imaginario docente en formación. Los dibujos fueron analizados mediante un enfoque cualitativo e interpretativo, articulado con el análisis de contenido, considerando marcadores fenotípicos, género y elementos simbólicos asociados a la superdotación. Los análisis evidenciaron un predominio de personajes masculinos, fenotipos blanqueados o racialmente ambiguos, baja representación de personas negras y ausencia de personajes indígenas, a pesar de la diversidad étnico-racial del contexto investigado. Asimismo, se observó una fuerte asociación entre AC/SD y desempeño académico-cognitivo, especialmente en las áreas lógico-matemática y lingüística, aunque algunas representaciones incluyeron creatividad, arte y música. Se concluye que el imaginario docente sobre AC/SD puede estar atravesado por marcadores raciales, culturales y de género, contribuyendo a procesos de invisibilización educativa de estudiantes pardos, negros e indígenas.

Palabras clave: Superdotación. Formación docente. Representaciones étnico-raciales. Racismo estructural. Educación Especial.

1. Introdução

Este ensaio deriva da experiência docente da primeira autora em disciplinas de formação inicial de professores/as relacionadas à Educação Especial e toma como ponto de partida a produção de desenhos (representações gráficas) por parte dos/as graduandos/as a respeito de estudantes com altas habilidades/superdotação (AH/SD). Ao analisarmos os produtos, o foco da reflexão recai sobre as características étnico-raciais e contextuais presentes nas representações, em confronto com dados demográficos do município onde a produção ocorreu.

O Brasil é um país marcado pela diversidade étnico-racial, sendo a cor parda, atualmente, a predominante na composição demográfica nacional. De acordo com os dados do Censo Demográfico de 2022 (IBGE, 2023a), pela primeira vez desde 1991, a maior parcela da população brasileira se autodeclarou parda, correspondendo a 45,17% dos habitantes, enquanto 43,23% se declarou branca. Esse dado representa uma mudança histórica na configuração (ou percepção) racial do país e evidencia a relevância de estudos que considerem as intersecções entre raça, educação e políticas públicas. Além disso, 10,87% da população se declarou preta, o que evidencia o grupo racial negro — composto por pessoas pretas e pardas — como majoritário no país, ainda que essa distribuição apresente oscilações entre os diferentes estados e regiões.

No estado de Mato Grosso do Sul, locus desta reflexão, observa-se panorama semelhante ao nacional. Segundo os dados censitários, 46,9% da população sul-mato-grossense se autodeclara parda, enquanto 42,4% se declara branca e 6,50%, preta. Além disso, o estado apresenta outra característica demográfica relevante: possui a terceira maior população indígena do Brasil, representando 6,9% do total nacional, conforme dados do Governo do Estado de Mato Grosso do Sul (Maciulevicius, 2026). Destaca-se, ainda, que aproximadamente 59% dessa população indígena reside em terras indígenas, aspecto que reforça a diversidade sociocultural presente no território e a

necessidade de pesquisas educacionais sensíveis às especificidades étnico-raciais da região. Ao especificarmos ainda mais o lócus, chegamos a um município cujas características étnico-raciais são marcadas pelo acentuado predomínio da população negra (73,26%), com 63,51% de pessoas autodeclaradas pardas e 9,75%, pretas. Diferentemente do panorama estadual, a população indígena se faz presente de maneira menos significativa (0,54%), conforme demonstra a Tabela 1 (IBGE, 2023b).

Tabela 1 – Distribuição, segundo cor ou raça, da população do município onde as representações gráficas foram produzidas

Cor ou raça	f	%
Branca	24.954	25,92
Preta	9.388	9,75
Amarela	266	0,28
Parda	61.139	63,51
Indígena	520	0,54
Total	**96.267**	**100,00**

Fonte: IBGE, 2023b.

No que se refere à população identificada com AH/SD nos contextos escolares brasileiros, as Sinopses Estatísticas da Educação Básica — 2025 (INEP, 2026) registram 56.238 estudantes matriculados com essa identificação em todo o território nacional. Embora esse número demonstre um crescimento progressivo em relação aos anos anteriores, conforme destaca Oliveira (2025), ele ainda se mostra significativamente reduzido quando comparado às estimativas científicas sobre a prevalência das AH/SD na população. Segundo o relatório de Marland (1972), estima-se que entre 3% e 5% da população apresenta características relacionadas às AH/SD. Ao aplicar esses percentuais ao número total de matrículas da Educação Básica brasileira, infere-se que o país possua entre 1,3 milhão e 2,3 milhões de estudantes com AH/SD, números amplamente superiores aos registros referentes aos que se encontram oficialmente identificados no Censo Escolar.

Tais registros indicam que os estudantes identificados com AH/SD representam apenas 0,12% do total de matrículas da Educação Básica brasileira, significando que, atualmente, o sistema educacional reconhece oficialmente cerca de um estudante com AH/SD a cada 821 alunos matriculados. Esse cenário evidencia uma importante lacuna nos processos de identificação e atendimento desse público no contexto escolar brasileiro.

A discrepância entre os dados oficiais e as estimativas científicas revela um expressivo abismo nos processos de identificação educacional. Considerando a estimativa mínima de 3%, ao menos 1,32 milhão de estudantes com AH/SD permaneceram invisibilizados no sistema educacional, sem identificação, reconhecimento pedagógico e acesso ao Atendimento Educacional Especializado (AEE). Em termos proporcionais, isso significa que cerca de 96% dos estudantes brasileiros com AH/SD não são formalmente identificados pelas instituições escolares. Como bem comenta Oliveira (2025), há a possibilidade de que os dados oficiais não reflitam a totalidade de

estudantes com AH/SD existentes no país, indicando a ocorrência de processos de subnotificação.

Quando essa discussão é atravessada pelas questões étnico-raciais, as desigualdades tornam-se ainda mais evidentes. Atualmente, não existem dados oficiais que demonstrem a distribuição de cor ou raça dos estudantes identificados com AH/SD no Brasil. Diante dessa lacuna e levando em conta os dados gerais de matrículas da Educação Básica por cor/raça, com 45,30% de estudantes brasileiros que se autodeclaram pardos e 5,35% que se autodeclaram pretos, conforme as Sinopses Estatísticas da Educação Básica — 2025 (INEP, 2026), é razoável supor que cerca de 28.507 (50,69%) dos estudantes identificados com AH/SD integrem a população negra, mas será que a distribuição racial dos estudantes identificados acompanha a distribuição da população escolar?

Essa indagação evidencia a necessidade de ampliar as discussões sobre identificação, reconhecimento e acesso educacional de estudantes pardos, negros ou indígenas com AH/SD no contexto brasileiro. Para além da ausência de dados estatísticos oficiais, torna-se igualmente necessário refletir sobre os imaginários sociais e educacionais que historicamente moldam a compreensão acerca de quem pode ou não ser reconhecido como uma pessoa com AH/SD.

Grissom e Redding (2016), com o objetivo de investigar o motivo da sub-representação de estudantes negros e hispânicos em programas de superdotação, e a partir de dados de um estudo longitudinal envolvendo 21.260 crianças acompanhadas da educação infantil até o quinto ano do ensino fundamental nos Estados Unidos, descobriram que as chances de estudantes negros serem designados para esses programas são 66% menores do que para estudantes brancos, mesmo apresentando as mesmas pontuações em avaliações padronizadas e frequentando escolas com características semelhantes. Os autores encontraram evidências de que as chances são ainda menores quando possuem professores não negros, apontando para fatores estruturais e vieses presentes no processo de identificação.

Nesse contexto, as representações sociais construídas no espaço educacional assumem papel relevante, especialmente no âmbito da formação docente. Conforme discutem Renzulli (2004) e Virgolim (2007), os processos de identificação de estudantes com AH/SD não ocorrem de maneira neutra, sendo atravessados por concepções culturais, expectativas escolares e percepções sociais relacionadas à inteligência, ao talento e ao desempenho acadêmico. Dessa forma, os imaginários docentes podem influenciar diretamente quais sujeitos são percebidos como potencialmente superdotados, contribuindo, muitas vezes, para a invisibilização de estudantes pertencentes a grupos étnico-raciais historicamente marginalizados.

Conforme discute Pérez (2003), as concepções sociais acerca das AH/SD são permeadas por mitos e estereótipos que influenciam os processos de reconhecimento desses sujeitos. Estudos internacionais na área das AH/SD apontam que estudantes pertencentes a minorias étnico-raciais permanecem sub-representados nos processos de identificação e atendimento educacional especializado (Frasier; García; Passow, 1995; Ford; Moore, 2024). Nesse sentido, discutir representatividade racial no campo das AH/SD implica compreender como determinadas imagens

sociais são construídas, reproduzidas e naturalizadas nos espaços formativos e escolares.

Vale destacar que a concepção contemporânea de raça afasta-se de interpretações biológicas ao reconhecê-la como um marcador social associado a processos de racialização, discriminação e produção de desigualdades. Sob essa ótica, a raça é tomada como o fundamento do racismo, compreendido como uma espécie de discriminação sistemática manifesta em diferentes dimensões sociais (Cunha et al., 2024). É a partir dessa perspectiva que propomos discutir as características étnico-raciais expressas em representações gráficas elaboradas por graduandos de cursos de licenciatura no interior do estado de Mato Grosso do Sul, Brasil, acerca de pessoas com AH/SD.

2. Do pensamento à figura: o processo de produção

Este estudo possui natureza qualitativa, configurado como ensaio teórico-empírico, combinando reflexão crítica fundamentada na literatura especializada com análise interpretativa de dados empíricos produzidos no contexto da formação inicial de professores/as. Segundo Minayo (2014), o estudo qualitativo trabalha com o universo dos significados, crenças, valores, percepções e representações construídas socialmente, buscando compreender fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis quantitativas.

Em uma cidade localizada no interior do estado de Mato Grosso do Sul, pedimos a estudantes de duas turmas do curso de Pedagogia que cursavam disciplinas relacionadas à Educação Especial que representassem, graficamente, estudantes da educação básica que apresentam AH/SD. Para isso, dividimos as turmas em trios e disponibilizamos folhas sulfite e lápis de cor. Solicitamos para que escrevessem o nome, a idade e uma breve descrição do/a estudante representado/a no verso da folha. Entretanto, nossa análise se restringiu aos desenhos e recorremos à descrição somente para sanar dúvidas em relação ao gênero.

A produção ocorreu antes da introdução do tema AH/SD nas respectivas disciplinas, com vistas a realizar o levantamento dos conhecimentos prévios, bem como de mitos e estereótipos. Os desenhos produzidos pelos discentes foram aqui analisados a partir de uma abordagem qualitativa de caráter interpretativo, compreendendo as representações gráficas como expressões simbólicas do imaginário dos graduandos acerca das AH/SD. Nesse sentido, os desenhos foram entendidos não apenas como produções visuais, mas como manifestações simbólicas atravessadas por concepções culturais, sociais e raciais relacionadas à inteligência, ao desempenho acadêmico e às AH/SD. A análise foi realizada por meio da técnica de análise de conteúdo proposta por Bardin (2016), articulada à perspectiva interpretativa das representações. Para a sistematização dos dados, foram construídas categorias analíticas definidas a priori com base na literatura especializada sobre AH/SD, representatividade racial e imaginário docente. As categorias contemplaram os seguintes aspectos:

a) gênero e características fenotípicas associadas à identificação étnico-racial (cor do cabelo, cor da pele, tipo de cabelo, tipo de olhos, cor dos olhos e outros marcadores);

b) elementos associados aos estereótipos clássicos das AH/SD, tais como uso de óculos, livros, símbolos científicos, posição de destaque na sala de aula, aparência intelectualizada e outros marcadores tradicionalmente relacionados ao imaginário da superdotação;

A opção pela categorização étnico-racial das representações gráficas a partir de marcadores fenotípicos socialmente reconhecidos se deu a partir da compreensão de que são construções simbólicas presentes no imaginário social brasileiro e em razão da ausência de expressa declaração racial dos sujeitos representados. Além das categorias previamente estabelecidas, também foram consideradas categorias emergentes identificadas durante o processo analítico, permitindo maior abertura interpretativa diante das especificidades presentes nas produções dos participantes.

3. Mais que desenhos: significados e representações

A partir da análise dos 20 desenhos produzidos, foi possível sistematizar quantitativamente algumas recorrências simbólicas relacionadas ao imaginário social acerca das AH/SD. Ressalta-se que as classificações foram realizadas com base em elementos gráficos e fenotípicos socialmente reconhecidos, compreendidos enquanto representações simbólicas expressas pelos/as graduandos/as.

No que se refere ao gênero, sete crianças foram representadas como meninas e 13 como meninos, revelando a prevalência do gênero masculino. Também verificaram-se diferenças nas áreas de habilidade associadas a cada gênero. Quatro personagens femininas foram vinculadas à leitura, que foi aludida cinco vezes, enquanto os personagens masculinos apareceram em seis dos sete desenhos que remetiam à matemática, com presença de cálculos e raciocínio lógico.

Em relação às características fenotípicas expressas, 17 figuras possibilitaram observar a cor dos olhos e entre elas, seis exibiam pessoas com olhos verdes ou azuis. É importante destacar a ausência de olhos compatíveis com o comum na população amarela. A Tabela 2 especifica as características dos cabelos.

Tabela 2 – Distribuição das figuras humanas conforme as características dos cabelos

Cor	Liso	Crespo	Ondulado	Indefinido	TOTAL
Loiro	4	0	0	0	4
Ruivo	0	0	1	0	1
Castanho	2	0	2	0	4
Preto	6	3	1	0	10
Indefinido*	0	0	0	1	1
TOTAL	**12**	**3**	**4**	**1**	**20**

**Uma das figuras usava boné, impossibilitando a observação dos cabelos.*
Fonte: Elaboração própria.

Quando observamos as tonalidades com que foram (ou não) coloridas as peles das crianças, o branqueamento torna-se evidente. Dentre as 20 figuras, 14 demonstram ausência de coloração ou

tonalidade levemente amarelada ou rosada, enquanto seis exprimem tons que perpassam pelo grafite claro, laranja e marrom.

Quadro 1 – Representação étnico-racial

Características fenotípicas representadas	Frequência
Possivelmente brancos: pele clara e (i) cabelos lisos ou (ii) cabelos crespos claros ou (iii) olhos claros.	14
Possivelmente pardos ou pretos: (i) pele escura ou (ii) pele clara e cabelos crespos escuros com olhos escuros.	5
Possivelmente indígenas: pele pigmentada, com olhos escuros e marcados.	0
Não categorizado: cabelos lisos escuros, pele em tom de marrom claro e olhos claros.	1

Fonte: Elaboração própria.

Os dados evidenciam predominância de representações embranquecidas em relação às pessoas com AH/SD. A ausência de representações indígenas e a menor representação da população negra sugerem processos de invisibilização racial no imaginário dos/as futuros/as docentes relacionados às AH/SD. Também é importante mencionar que o emprego do termo “possivelmente” se deve à subjetividade inerente a esse tipo de avaliação e, principalmente, porque “não há critérios consensuais para a classificação racial” (Neves, 2022, p. 25). Também importa dizer que não houve representação de fenótipos claramente asiáticos, onde os marcadores seriam brancos/amarelos, cabelos lisos e olhos escuros e marcados.

Quadro 2 – Estereótipos acadêmicos associados às AH/SD

Elemento simbólico	Frequência
Fórmulas matemáticas / números / cálculos	9
Livros / leitura / escrita	6
Óculos	6
Elementos científicos / espaço / planetas	3
Quadro escolar / sala de aula	4
Medalhas / desempenho / excelência	1

Fonte: Elaboração própria.

As representações gráficas demonstraram forte associação entre AH/SD e desempenho acadêmico-cognitivo, especialmente relacionado às áreas lógico-matemáticas. Sobre esse mesmo dado, embora predominem representações acadêmicas, parte dos participantes também associou as AH/SD à criatividade e imaginação, indicando coexistência de concepções mais amplas sobre o fenômeno, exemplo: quatro estudantes associaram à música e três à arte/desenho/pintura.

As análises evidenciam que as representações construídas pelos futuros docentes acerca das AH/SD permanecem fortemente associadas a concepções estereotipadas e socialmente cristalizadas sobre inteligência, desempenho acadêmico e talento. Além da prevalência de personagens masculinos, as áreas de domínio atribuídas revelaram permanência de marcadores tradicionais de

gênero no imaginário educacional. Tais resultados sugerem que as concepções sobre AH/SD ainda reproduzem divisões historicamente construídas acerca das capacidades intelectuais de homens e mulheres, reforçando expectativas sociais distintas sobre desempenho e potencialidade. Nesse sentido, os desenhos evidenciam que o imaginário docente não é neutro e pode ser atravessado por representações culturais relacionadas ao gênero, que produzem a exclusão de meninas e mulheres (Trancoso, 2025).

Outro aspecto relevante se refere à predominância de representações associadas a fenótipos embranquecidos ou racialmente ambíguos. Embora vários desenhos apresentassem personagens claramente identificáveis como brancos a partir de marcadores fenotípicos mais evidentes (cabelos lisos, loiros e olhos claros), observou-se que outras representações apresentavam características híbridas (cabelos escuros lisos ou cacheados e olhos escuros) que exigiam maior esforço interpretativo na diferenciação entre sujeitos brancos e pardos. Sob essa ótica, cabe salientar que o debate em torno da validação da autodeclaração étnico-racial aponta a inexistência de critérios unificados para a heteroidentificação e aponta o critério subjetivo como o mais adequado, baseado em características fenotípicas e contexto social (Francischetto; Machado, 2021).

As análises reforçam a necessidade de cautela interpretativa na análise racial das representações gráficas e evidenciam não apenas a complexidade das classificações raciais no contexto brasileiro — país historicamente marcado pela miscigenação e pelas classificações raciais fluidas —, mas também a permanência de um imaginário visual que aproxima as AH/SD de padrões fenotípicos socialmente associados à branquitude.

A menor incidência de representações negras e a ausência de indígenas mostram-se particularmente significativas quando considerada a composição demográfica do estado de Mato Grosso do Sul, marcado por expressiva população negra e indígena. A situação se torna ainda mais intrigante quando consideramos que o município onde os discentes residem tem 73,26% de sua população composta por pessoas negras (pretas e pardas). Nesse sentido, é nítido que determinados grupos étnico-raciais continuam pouco associados às ideias de inteligência, talento e elevado potencial acadêmico no imaginário social, algo que pode afetar a prática docente, inclusive, de professores/as negros/as.

Dessa maneira, não podemos ignorar as influências do racismo, o qual se manifesta, principalmente, a partir de três dimensões interligadas: estrutural, institucional e interpessoal. O racismo estrutural refere-se à organização social que naturaliza desigualdades raciais; o racismo institucional diz respeito ao funcionamento das instituições que produzem ou reproduzem essas desigualdades; e o racismo interpessoal manifesta-se nas relações cotidianas por meio de atitudes discriminatórias e preconceituosas (Almeida, 2019; Cunha et al., 2024).

Convém esclarecer que existe diferença entre discriminação e preconceito. Enquanto a discriminação racial corresponde a ações e comportamentos diferenciados em relação a determinados grupos, imputando-lhes prejuízo e desvantagem, o preconceito racial compreende processos mentais (ideias) pautados em estereótipos e, por sua vez, fundamentam as ações

discriminatórias (Almeida, 2019). Sendo assim, podemos afirmar que parte das representações gráficas revela preconceito racial no que se refere à presença de AH/SD na população negra. Cunha et al. (2024), junto ao racismo interpessoal, abordam o racismo internalizado, o qual emana da assimilação de concepções hegemônicas sobre determinados grupos racializados serem biológica ou culturalmente inferiores.

> Isso pode se manifestar como um acolhimento da "brancura", por meio, por exemplo, do uso de chapinhas e cremes descolorantes, da hierarquização por tons de pele dentro da própria comunidade negra; autodepreciação racial por meio de calúnias, apelidos pejorativos e rejeição da cultura ancestral; e sentimentos de resignação, desamparo e desesperança entre as pessoas negras (Jones, 2000 apud Cunha et al. 2024, p. 7).

Esses achados dialogam com as discussões de Ford e Moore (2024), ao afirmarem que estudantes pertencentes a grupos étnico-raciais minoritários permanecem historicamente sub-representados nos processos de identificação em programas de intervenção em AH/SD. Da mesma forma, Frasier, García e Passow (1995) destacam que os processos avaliativos e os critérios tradicionalmente utilizados na identificação de estudantes com AH/SD tendem a favorecer grupos culturalmente dominantes, produzindo exclusões simbólicas e institucionais de estudantes racializados.

No contexto brasileiro, os resultados sugerem que tal sub-representação não ocorre apenas nos processos institucionais de identificação, mas também no plano simbólico das representações sociais construídas durante a formação docente. As representações gráficas analisadas indicam que os futuros professores tendem a associar sujeitos com AH/SD a imagens mais próximas de padrões racialmente embranquecidos, enquanto fenótipos negros e indígenas permanecem pouco visualizados como representantes possíveis da superdotação, corroborando os achados internacionais de Grissom e Redding (2016).

Esse quadro coloca em evidência a imprescindibilidade da temática AH/SD na formação docente (inicial e continuada), porém, estudos revelam fragilidades em tal abordagem (Martins; Chacon; Almeida, 2018; 2020). Entre a ausência das AH/SD enquanto conteúdo nos currículos e o descumprimento de ementas quando esse conteúdo é referido, há a necessidade de não apenas disseminar conhecimentos, mas promover profundas reflexões com o intuito de romper estereótipos e preconceitos.

Além disso, a inexistência de representações com fenótipos asiáticos também merece destaque, especialmente porque o imaginário social frequentemente associa populações asiáticas ao alto desempenho acadêmico. A ausência dessa representação pode indicar que o imaginário dos/as graduandos/as esteve mais centrado em padrões escolares tradicionais brasileiros do que em estereótipos internacionalizados de inteligência.

As representações gráficas também demonstraram forte associação entre AH/SD e desempenho acadêmico-cognitivo, especialmente relacionado às áreas lógico-matemática e

linguística. Fórmulas, cálculos, números, quadros escolares, livros e símbolos científicos aparecem de forma recorrente nos desenhos, reforçando a permanência do mito do “gênio”, tradicionalmente associado às ciências exatas e ao elevado rendimento escolar.

Tal resultado aproxima-se das discussões realizadas por Pérez (2003), ao afirmar que as concepções sociais sobre AH/SD são historicamente permeadas por mitos e estereótipos que restringem a compreensão do fenômeno. De maneira semelhante, Renzulli (2004) argumenta que a superdotação não pode ser reduzida exclusivamente ao desempenho acadêmico ou ao alto quociente intelectual, uma vez que envolve múltiplas dimensões relacionadas à criatividade, envolvimento com a tarefa e potencial humano. Contudo, os desenhos analisados indicam que parte significativa dos/as futuros/as docentes ainda associa as AH/SD, predominantemente, ao desempenho escolar tradicional e à inteligência lógico-matemática seguida da linguística.

A recorrência de elementos como óculos, postura disciplinada, expressão séria e centralidade do ambiente escolar também evidencia a permanência de representações estereotipadas relacionadas ao sujeito “nerd”, intelectualmente superior e socialmente diferenciado (Martins; Ogeda, 2020). Esses elementos reforçam a crítica de Virgolim (2007) acerca das compreensões reducionistas das AH/SD no contexto educacional brasileiro, frequentemente marcadas por concepções limitadas de inteligência e talento.

Por outro lado, parte dos desenhos também apresentou elementos relacionados à criatividade, imaginação, música, arte e pensamento visualizado, indicando coexistência de concepções mais ampliadas sobre as AH/SD. A presença desses elementos sugere que alguns participantes reconhecem a multidimensionalidade do fenômeno, aproximando-se de perspectivas contemporâneas que compreendem as AH/SD para além do desempenho acadêmico tradicional.

Entretanto, mesmo nas representações mais criativas, observou-se maior proporção de sujeitos embranquecidos e inseridos em contextos escolares normativos, indicando que a ampliação conceitual sobre AH/SD nem sempre é acompanhada por diversidade racial nas representações sociais construídas pelos futuros professores.

Dessa forma, as análises permitem compreender que os processos de identificação educacional das AH/SD não dependem exclusivamente de instrumentos técnicos ou critérios pedagógicos, mas também dos imaginários sociais e culturais construídos pelos docentes sobre quem pode ser reconhecido como sujeito com AH/SD. Nesse cenário, discutir representatividade étnico-racial no campo das AH/SD torna-se fundamental para problematizar práticas de invisibilização simbólica que podem impactar diretamente os processos de reconhecimento e encaminhamento educacional de estudantes pardos, pretos e indígenas.

4. Considerações finais

A análise quantitativa e qualitativa das representações gráficas evidenciou predominância de sujeitos associados a fenótipos embranquecidos ou racialmente ambíguos, frequentemente

vinculados ao desempenho acadêmico e às habilidades lógico-matemáticas. Embora parte significativa dos desenhos apresentasse características híbridas que dificultavam classificações raciais rígidas, observou-se baixa incidência de representações claramente negras e ausência de personagens indígenas, aspecto relevante diante da diversidade étnico-racial característica do contexto brasileiro e sul-mato-grossense.

Os resultados também evidenciaram forte associação entre AH/SD e desempenho acadêmico-cognitivo, especialmente relacionado à matemática, cálculos, fórmulas e símbolos científicos, reforçando a permanência do imaginário do "gênio" vinculado às ciências exatas e ao elevado rendimento escolar. Em contrapartida, parte dos/as graduandos/as também associou as AH/SD à criatividade, imaginação, música e expressão artística, indicando coexistência de concepções mais ampliadas sobre o fenômeno.

De maneira geral, os achados sugerem que o imaginário dos/as futuros/as docentes acerca das AH/SD permanece atravessado por marcadores sociais, raciais e culturais que influenciam os modos pelos quais determinados sujeitos são reconhecidos ou invisibilizados como possíveis estudantes com AH/SD. Nesse sentido, discutir representatividade étnico-racial, assim como gênero, na formação docente torna-se fundamental para problematizar estereótipos historicamente associados à inteligência e ampliar os processos de reconhecimento educacional de estudantes (meninos e meninas) pardos, negros e indígenas com AH/SD. É por isso que temos realizado essa dinâmica na prática da formação inicial docente que nos possibilita refletir sobre o conjunto das representações expressas em sala de aula com intuito de desconstruir preconceitos. Por fim, destacamos a relevância de pesquisas e práticas educacionais voltadas a investigar, compreender e combater os efeitos do racismo (e outras formas de discriminação) no reconhecimento das pessoas com AH/SD.

Referências

ALMEIDA, S. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

CUNHA, R. O.; LEITE, I. C. G.; NOGUEIRA, M. C.; CRUZ, D. T. Raça e racismo: aspectos conceituais, históricos e metodológicos para pesquisas antirracistas em saúde. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 33, n. 4, e230590pt, 2024. DOI: https://doi.org/10.1590/S0104-12902024230590pt.

FORD, D. Y.; MOORE, J. L. Educators of gifted and talented students must be formally trained for homeplace to become a reality: Recommended theories and paradigms. **Theory Into Practice**, v. 63, n. 1, p. 28–37, 2024. DOI: https://doi.org/10.1080/00405841.2023.2287758.

FRANCISCHETTO, G. P. P.; MACHADO, A. M. Cotas raciais e heteroidentificação: análise dos parâmetros utilizados para a validação da autodeclaração. **Revista Quaestio Iuris**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 4, p. 2131–2156, 2021. DOI: https://doi.org/10.12957/rqi.2021.52761.

FRASIER, M. M.; GARCÍA, J. H.; PASSOW, A. H. **A review of assessment issues in gifted education and their implications for identifying gifted minority students**. Storrs: The National Research Center on the Gifted and Talented, 1995.

GRISSOM, Jason A.; REDDING, Christopher. Discretion and disproportionality: Explaining the underrepresentation of high-achieving students of color in gifted programs. **AERA Open**, v. 2, n. 1, p. 1–25, 2016. DOI: https://doi.org/10.1177/2332858415622175.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Censo 2022: pela primeira vez, desde 1991, a maior parte da população do Brasil se declara parda. **Agência de Notícias IBGE**, Rio de Janeiro, 22 dez. 2023a.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Cor ou raça – Corumbá (MS): Censo Demográfico 2022**. Cidades e Estados. Rio de Janeiro: IBGE, 2023b.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). **Sinopse Estatística da Educação Básica 2025**. Brasília: Inep, 2026.

MARLAND, S. P. Jr. **Education of the gifted and talented: report to the Congress of the United States by the U.S. Commissioner of Education**. Washington, DC: U.S. Government Printing Office, 1972.

MARTINS, B. A.; CHACON, M. C. M.; ALMEIDA, L. S. Estudo comparativo luso-brasileiro sobre a formação inicial de professores em altas habilidades/superdotação com enfoque nos conteúdos curriculares. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v. 24, n. 3, p. 309–326, jul./set. 2018. DOI: https://doi.org/10.1590/S1413-65382418000300001.

MARTINS, B. A.; CHACON, M. C. M.; ALMEIDA, L. S. Altas habilidades/superdotação na formação de professores brasileiros e portugueses: um estudo comparativo entre os casos da UNESP e da UMINHO. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 36, e212442, 2020. DOI: https://doi.org/10.1590/0102-4698212442.

MARTINS, B. A.; OGEDA, C. M. M. O "nerd" da sala: um estudo descritivo sobre crianças precoces com indicadores de altas habilidades/superdotação e as práticas de bullying. **Revista Re-Criação**, Corumbá, MS, edição comemorativa, p. 127–139, 2020.

MATO GROSSO DO SUL (Estado). Com 3ª maior população indígena do país, MS revela quem são seus povos originários em painel inédito. **Agência de Notícias do Governo de Mato Grosso do Sul**, Campo Grande, 18 abr. 2026.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

OLIVEIRA, Lívio Luiz Soares de. Altas Habilidades/Superdotação: Subnotificação e Análise de Matrículas no Brasil. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v. 31, e0218, 2025. DOI: https://doi.org/10.1590/1980-54702025v31e0218.

PÉREZ, Susana Graciela Pérez Barrera. **Múltiplos olhares sobre as altas habilidades**. Porto Alegre: Mediação, 2003.

RENZULLI, Joseph S. O que é esta coisa chamada superdotação e como a desenvolvemos?. **Educação**, Porto Alegre, ano XXVII, n. 1, p. 75–131, 2004.

TRANCOSO, Bartira Santos. **Altas habilidades/superdotação em mulheres: uma análise sobre as implicações da identificação precoce e tardia na trajetória acadêmica e laboral**. 2025. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2025.

VIRGOLIM, Angela M. R. **Altas habilidades/superdotação: encorajando potenciais**. Brasília: Ministério da Educação, 2007.